



# A era dos poemas

# ERA COLONIAL

## Quinhentismo (de 1500, ano do descobrimento, a 1601)

### Poemas de Pe. José de Anchieta

#### Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

## **Barroco (de 1601 a 1768)**

Gregório de Matos Guerra

### **O poeta religioso**

### **Soneto a Nosso Senhor**

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, Da vossa alta clemência me despido; Porque quanto mais tenho delinquido Vos tem a perdoar mais empenhado. Se basta a voz irar tanto pecado, A abrandar-vos sobeja um só gemido: Que a mesma culpa que vos há ofendido, Vos tem para o perdão lisonjeado. Se uma ovelha perdida e já cobrada Glória tal e prazer tão repentino Vos deu, como afirmais na sacra história. Eu sou, Senhor a ovelha desgarrada, Recobrai-a; e não queirais, pastor divino, Perder na vossa ovelha a vossa glória.

## **Arcadismo (de 1768 a 1836)**

Cláudio Manoel da Costa

### **Vila Rica Canto VI**

Na diáfana máquina presente (Diz Filoponte) todo o continente Vês, Albuquerque, das buscadas Minas. São estas, são as regiões benignas, Onde nutre a perpétua primavera As verdes folhas, que abrasar pudera Em outros climas o chuvoso inverno. Dos mesmos Deuses o poder eterno Não se atrevera a combater os montes E as serras, que em distintos horizontes Murando vão pelos remotos lados Mares e lagos, com que ao Sul marcados Seus limites estão: a forma, o nome Variam serra e rio, e sem que tome Firmeza alguma o prolongado vulto, Sempre o princípio te há de ser oculto, Quando chegues ao fim do rio ou serra. Levados do fervor que o peito encerra Vês os Paulistas, animosa gente, Que ao Rei procuram do metal luzente Co'as próprias mãos enriquecer o Erário. Arzão é este, é este o temerário, Que da Casca os sertões tentou primeiro. Vê qual despreza o nobre aventureiro Os laços e as traições, que lhe prepara Do cruento Gentio a fome avara.

A exemplo de um contempla iguais a todos, E  
distintos ao Rei por vários modos Vê os Pires,  
Camargos e Pedrosos, Alvarengas, Godóis, Cabrais,  
Cardosos, Lemos, Toledos, Paes, Guerras, Furtados, E  
os outros, que primeiro assinalados Se fizeram no  
arrojo das conquistas, Ó grandes sempre, ó imortais  
Paulistas! Embora vós, Ninfas do Tejo, embora Cante  
do Lusitano a voz sonora Os claros feitos do seu  
grande Gama, Dos meus Paulistas louvarei a fama.  
Eles a fome e sede vão sofrendo, Rotos e nus os  
corpos vêm trazendo; Na enfermidade a cura lhes  
falece, E a miséria por tudo se conhece. Em seu zelo  
outro espírito não obra Mais que o amor do seu Rei:  
isto lhes sobra. Abertas as montanhas, rota a Serra,  
Vê converter-se em ouro a pátria terra; O Etíope co'os  
Índios misturado Eis obedece ao pródigo mandado Dos  
bons Conquistadores: desde o fundo, De ouro e  
diamantes o país fecundo Produzas grandes,  
avultadas somas.

Tu por empresa, nobre engenho, tomas Fabricar inda  
o esférico instrumento, Que o trabalho fará menos  
violento. Já dos rebeldes o esquadrão ferino Se  
conjura afazer o roubo indigno, Tomando outro partido  
esses, que devem Respeitar um só Rei; ímpios se  
atrevem A lançar desde os lares, que têm feito Os  
miseros Vassallos: o preceito Intimidado na voz do Rei  
lhes tira As armas, um e outro se conspira, E em  
vários choques, em ataques vários, Ou morrem já, ou  
buscam solitários E fugitivos o seu pátrio berço. Ide,  
infelices; o ânimo perverso Cessar á uma vez de  
maltratar-vos; O Rei sabe puni-los, sabe dar-vos  
Justa satisfação, justa vingança. Sobre eles vem  
Fernando; mas o lança Inda o furor da levantada gente;  
Volta a munir-se o Capitão valente, E a vosso beneficio  
já protesta: Far á cair ao chão mais de uma testa. Já  
dos parentes, dos amigos vossos Se vão juntando e  
vêm correndo os grossos Esquadrões, que pertendem  
desde a Serra Fazer aos ímpios a sangüínea guerra;

Mas tu sucedes, Albuquerque invicto, No bastão a  
Fernando; o Rei prescrito As ordens te tem já, porque  
temperes O orgulhoso furor: não consideres Tão  
segura porém a tua entrada; A vil conspiração mal  
apagada Inda ao longe te forja e te fulmina Nos  
levantados Chefes a ruína. Tens ao teu lado a próspera  
influência Do pátrio Gênio; contra uma violência  
Outras suscitarei; lá desde o seio Das mesmas Minas,  
um incêndio ateio Nos ilustres Pereiras: estes  
passam A disputar co'os outros e se enlaçam Em  
vingar os domésticos insultos. Vós e os mais vossos  
passareis ocultos E disfarçados aos distritos, onde  
Dos rebeldes o número se esconde. Lá convosco  
estarei, e... prosseguia, Mas de uma e outra parte  
concorria Buscando o Herói a comitiva, crendo Que  
aos matos se entranhara e que, perdendo Talvez o  
rumo, duvidoso errava. Faria já com eles se ajuntava,  
E Garcia, que o rosto traz magoado Do sucesso infeliz  
que tem notado.

Tudo desaparece neste instante Ao assombro da  
nuvem, que diante Da penha condensara o Gênio  
astuto. Um chuva cerrado desde o bruto Cume da  
rocha se estendia, e nada Mais que a sombra na  
lôbrega morada Se deixa perceber por tudo quanto  
Detivera ao Herói no estranho encanto. Ao passo que  
se assusta e se entristece Das imagens que vira,  
restabelece O espírito no amparo prometido Do Gênio,  
em quem contempla introduzido O influxo de alguma  
alta inteligência, Que se encobre dos homens na  
aparência. Alegre sai da nuvem, que desata, E no  
arcano mais íntimo recata O que ouve e vê, notando os  
companheiros; Que é isto, diz, chegastes mui ligeiros,  
Vós, Padre, e vós, Garcia! A vossa empresa Talvez se  
conseguiu com mais presteza Do que eu tinha  
esperado: em doce laço, Dizei, já vive Aurora? Vive  
Argasso? Ah! Senhor, diz Fialho (que Garcia, Os olhos  
rasos d'água, mal podia Falar, e quase absorto o Herói  
saúda), O caso é tão funesto, que na muda Mágoa só  
pode cabalmente ouvir-se. Saímos há seis dias;

descobrir-se A Aldeia pouco já se começava; Aos acenos de Argasso festejava O Monaxós alegre a nossa vinda; Não tardou de saber a crua Eulinda, Rival de Aurora, o firme pensamento Do meditado Santo Sacramento; Conspirou em seu dano, e de ira cheia A cova foi buscar de Teriféia: Esta a superstição teve por nome, Inocentes meninos traga e come. Dous arrancados dos maternos peitos Lhe leva a crua Indiana; ela desfeitos Os tem já entre as presas aguçadas: "Eu vi (contou algum) que sufocadas As cãs estavam de seu sangue, e quentes Brotavam dentre os beijos as correntes." Do destroço fatal contente a velha, Nas vítimas, que Eulinda lhe aparelha, A dar-lhe ajuda alegre se convida. A instâncias de Garcia está rendida Em breve instante Aurora; nem se assusta Ao proposto Himeneu, e crê que é justa A persuasão, ao ver que afaz Garcia.

Do antigo amor de todo se esquecia Um e outro; e a virtude só pertendem Acreditar no estímulo, que acendem Dentro em seus corações, de propagada Ver uma vez a religião amada.

Ao Índio instruo nos mistérios Santos Da ortodoxa  
doutrina; e longe encantos, Superstições e mágicas, já  
creio Que tenho descoberto nele um meio De  
derramar por entre os mais a cura Da radicada antiga  
desventura. Contentes andam todos pela Aldeia,  
Festejando o consórcio; qual passeia, Calçados pés e  
mãos de várias plumas, Qual faz soar o apito (nem  
presumas) Que se ignora da música o concerto Entre  
os crus Monaxós); já vinha perto O dia ao caro laço  
destinado; O Cacique, do amor estimulado Que tem  
pelos seus hóspedes, destina Que divididos vão pela  
colina, E que desçam ao vale os que destreza Têm no  
dardo e na flecha; encher a mesa Intenta com a caça,  
que sepulta Nos seus seios a gruta mais oculta;  
Brindar quer os mais índios deste modo: Convida  
desde já ao povo todo. Ele próprio à fadiga não se nega;  
Arremessa-se ao mato. Aurora pega No seu arco  
também; todos se atiram Ao fundo espesso, e pelas  
brenhas giram. Teriféia a ocasião julga oportuna, Põe  
os olhos no Céu, alta coluna

Levanta e firma em terra; já sobre ela Se ergue e murmura, e nota cada estrela Com o dedo; depois desce, e riscando Muitas vezes em roda, vai tocando A coluna, que treme e que se move: Tolda-se em sombra o ar, troveja e chove; E o tronco, dentre a nuvem que o cobrira, Sai figurando um tigre, que respira Fogo e veneno pelos olhos; passa Com ele ao monte, e o guia aonde a caça Se tenta e busca: aqui dormia Aurora; Dormia; e junto aos pés branda e sonora Fontezinha o repouso convidava; O peito em grande parte debruçava Sobre uma penha, e ao gesto brando e lindo De encosto o mole braço está servindo. Chega a Maga cruel, põe-lhe diante A fera que conduz, e ao mesmo instante Se oculta em parte onde o sucesso veja. O cuidado de a ver, ou fosse a inveja, Àquele sítio encaminhava os passos Do destemido Argasso; entre embaraços De mal distintos ramos, já descobre O mosqueado tigre, ao braço nobre O crê despojo, e de matá-lo espera;

Firme o pé desde longe aponta a fera, E atrás puxando  
o braço a seta envia, Que vai cravar no monstro  
aponta fria. Corre gritando - oh! Céus! - e vê passado  
De Aurora o peito; em vão busca assombrado O tigre,  
que não há; já desfalece A pouco a pouco a bela; a  
mágoa cresce No mísero homicida, clama e grita,  
Atroa os Céus, e contra os Céus se irrita; Nem mais a  
vida, que estimara, preza; Arroja o arco, e à infeliz  
beleza Consagra de seu corpo o último resto. "Amor,  
disse, cruel, pois que funesto Foi o fim de um princípio  
tão ditoso, Pois que cortastes o vínculo gostoso Que a  
dita, a mesma dita ia tecendo; Bem que inocente o  
impulso inda estou vendo, Que animou este braço,  
acabe o peito, Onde ele se forjou; roto e desfeito O véu  
que cerca esta alma, ela se aparte, Indiana adorada,  
ou a pagar-te Com seu eterno pranto a dura ofensa,  
Ou a pôr de teus olhos na presença, A mágoa enfim de  
um erro involuntário." Disse; e trepando a penha, ao  
chão contrário Desesperado já se precipita. Teriféia de  
longe aos índios grita, E alegre da vitória deixa o  
monte; Não há quem visse, ou quem a história conte:

Mas da homicida bárbara informada Já torna Eulinda;  
furiosa brada A Aldeia, por vingar tanta maldade;  
Sobre nós faz cair a atrocidade Do delito, e abrasando  
a Aldeia inteira De oculta chama, que ateou ligeira,  
Ministros nos faz crer deste atentado: A fuga nos  
salvou, nem avisado Serias de um tão trágico sucesso,  
Se de Argasso um rival, que a tanto preço Eulinda  
amava, então não descobrira Tudo o que a Eulinda e a  
Teriféia ouvira. Calou Fialho; em vão susteve o pranto  
Albuquerque; e notando que o quebranto De Garcia a  
rendê-lo se avançava, Consolando seu mal, assim  
falava: Jamais se viu segura uma alegria, Nem estável  
jamais pôde algum dia Sustentar-se a fortuna de um  
ditoso: Espere sempre o inverno proceloso Aquele por  
quem passa a primavera; Amor que em brandas  
almas só pudera Empregar toda a força de seus tiros,  
Fará que troque as glórias em suspiros Aquele que em  
vão crera aos desenganos; Ó vós, felices, vós, que os  
doces anos Entregais à virtude, eu vos agouro O  
sempre imarcescível, fresco louro, Que vos há de levar  
na longa idade Muito além da cansada humanidade.

## **Era Nacional**

### **Romantismo (de 1836 a 1881)**

A voz de minha alma

#### **Gonçalves de Magalhães**

Quando da noite o véu caliginoso Do mundo me  
separa, E da terra os limites encobrendo, Vagar deixa  
minha alma no infinito, Como um subtil vapor no  
aéreo espaço, Uma angélica voz misteriosa Em torno  
de mim soa, Como o som de uma frauta harmoniosa,  
Que em sagradas abóbadas reboa. Donde vem esta  
voz? — Não é de virgem, Que ao prazo dado o bem-  
amado aguarda, E mavioso canto aos céus envia; Esta  
voz tem mais grata melodia! Donde vem esta voz? —  
Não é dos Anjos, Que leves no ar adejam, E com hinos  
alegres se festejam, Quando uma alma inocente Deixa  
do barro a habitação escura, E na sidérea altura,  
Como um astro fulgente Penetra de Adonai o  
apósito; A voz que escuto tem mais triste acento.  
Como d'ara turícrema se exalça Nuvem de grato  
aroma que a circunda, E lenta vai subindo Em faixas  
ondeantes, Nos ares espargindo Partículas  
fragrantes, E sobe, e sobe, até no céu perder-se, Tal  
de mim esta voz parece erguer-se.

Sim, esta voz do peito meu se exala! Esta voz é minha alma que se espraia, É minha alma que geme, e que murmura, Como um órgão no templo solitário; Minha alma, que o infinito só procura, E em suspiros de amor a seu Deus se ala. Como surdo até hoje Fui eu a tão angélica harmonia? Porventura minha alma muda esteve? Ou foram porventura meus ouvidos Até hoje rebeldes? Perdoa-me, oh meu Deus, eu não sabia! Eram Anjos do céu que me inspiravam, E outras vozes meus lábios modulavam. Castas Virgens da Grécia, Que os sacros bosques habitais do Pindo! Oh Numes tão fagueiros, Que o berço me embalastes Com risos lisonjeiros, Assaz a infância minha fascinastes. Guardai os louros vossos, Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio. Adeus, ficções de Homero! Deixai, deixai minha alma Em seus novos delírios engolfar-se, Sonhar co'as terras do seu pátrio Rio. Só de suspiros coroar-me quero, De saudades, de ramos de cipreste; Só quero suspirar, gemer só quero, E um cântico formar co'os meus suspiros;

Assim pela aura matinal vibrado O Anemocórdio, ao  
ramo pendurado, Em cada corda geme, E a selva peja  
de harmonia estreme. Já nova Musa Meu canto  
inspira; Não mais empunho Profana lira. Minha alma,  
imita A Natureza; Quem vencer pode Sua beleza? De  
dia, e noite Louva o Senhor; Canta os prodígios Do  
Criador. Tu não escutas Esta harmonia, Que ao trono  
excelso A terra envia?

Tu não reparas Como o mar geme, Como entre as  
folhas O vento freme? Como a ave chora, A ovelha  
muge, O trovão brama, O leão ruga? Cada qual canta  
Ao seu teor, Mas louvam todos O seu Autor. Da grande  
orquestra Aumente o brilho O Canto humano Da razão  
filho. Minha alma, aprende, Louva a teu Deus; Os teus  
suspiros Envia aos céus. Oh como é belo o céu azul  
sem nódoa! Que puro amor nos corações ateia, Como  
a pupila de engraçada virgem, Que serena nos olha, e  
nos enleia. Mas que imagem sublime a mim se  
antolha, Com largas asas brancas como o cisne.

# Realismo

## A Carolina

Machado de Assis

Querida, ao pé do leito derradeiro Em que descansas  
dessa longa vida, Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro. Pulsa-lhe aquele  
afeto verdadeiro Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apetecida E num recanto pôs  
um mundo inteiro. Trago-te flores, - restos  
arrancados Da terra que nos viu passar unidos E ora  
mortos nos deixa e separados. Que eu, se tenho nos  
olhos malferidos Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

# Naturalismo

## Pobre Amor

Aluísio Azevedo

Calcula, minha amiga, que tortura! Amo-te muito e muito, e, todavia, Preferira morrer a ver-te um dia Merecer o labéu de esposa impura! Que te não entorneça esta loucura, Que te não mova nunca esta agonia, Que eu muito sofrá porque és casta e pura, Que, se o não foras, quanto eu sofreria! Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses Com teus beijos de amor, meus lábios tristes, Com teus beijos de amor, as minhas faces! Persiste na moral em que persistes. Ah! Quanto eu sofreria se pecasses, Mas quanto soffro mais porque resistes!

## **Parnasianismo (de 1881 a 1893)**

MAL SECRETO

Raimundo Correia

Se a cólera que espuma, a dor que mora N'alma, e destrói cada ilusão que nasce, Tudo o que punge, tudo o que devora O coração, no rosto se estampasse; Se se pudesse, o espírito que chora, Ver através da mascara da face, Quanta gente, talvez, que inveja agora Nos causa, então piedade nos causasse! Quanta gente que ri, talvez , consigo Guarda um atroz, recôndito inimigo, Como invisível chaga cancerosa! Quanta gente que ri, talvez existe, Cuja ventura única consiste Em parecer aos outros venturosa .

## **Simbolismo (de 1893 a 1922)**

### **Acrobata da dor**

Cruz e Sousa

Gargalha, ri, num riso de tormenta, como um palhaço, que desengonçado, nervoso, ri, num riso absurdo, inflado de uma ironia e de uma dor violenta. Da gargalhada atroz, sanguinolenta, agita os guizos, e convulsionado salta, gavroche, salta clown, varado pelo estertor dessa agonia lenta ... Pedem-se bis e um bis não se despreza! Vamos! retesa os músculos, retesa nessas macabras piruetas d'aço. . . E embora caias sobre o chão, fremente, afogado em teu sangue estuoso e quente, ri! Coração, tristíssimo palhaço.

## **Pré-Modernismo (de 1902 a 1922)**

### **Amor Algébrico**

Euclides da Cunha

Acabo de estudar – da ciência fria e vã, O gelo, o gelo atroz me gela ainda a mente, Acabo de arrancar a fronte minha ardente Das páginas cruéis de um livro de Bertrand. Bem triste e bem cruel decerto foi o ente Que este Saara atroz – sem aura, sem manhã, A Álgebra criou – a mente, a alma mais sã Nela vacila e cai, sem um sonho virente. Acabo de estudar e pálido, cansado, Dumas dez equações os véus hei arrancado, Estou cheio de spleen, cheio de tédio e giz. É tempo, é tempo pois de, trêmulo e amoroso, Ir dela descansar no seio venturoso E achar do seu olhar o luminoso X.

# **Modernismo (de 1922 a 1945)**

## **1 Fase**

### **Arte de amar**

Manuel Bandeira

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma. A alma é que estraga o amor. Só em Deus ela pode encontrar satisfação. Não noutra alma. Só em Deus — ou fora do mundo. As almas são incomunicáveis. Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo. Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

# **Modernismo**

## **2 Fase**

### **Soneto de Fidelidade**

Vinicius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento Antes, e com tal  
zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior  
encanto Dele se encante mais meu pensamento.  
Quero vivê-lo em cada vão momento E em seu louvor  
hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar  
meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento E  
assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a  
morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão,  
fim de quem ama Eu possa me dizer do amor (que  
tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas  
que seja infinito enquanto dure.